Esta história é trazida a você por Ririro.com/pt gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



Ririro

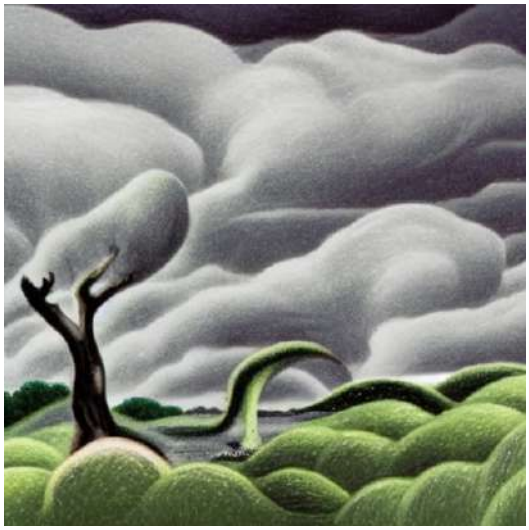
A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

A Busca do Pardal pela Chuva

Há muito tempo, em uma aldeia perto do mar, viviam muitos índios. Entre eles, havia um velho guerreiro muito gentil que havia recebido um grande poder ao nascer e, portanto, podia realizar muitos feitos maravilhosos. Ele tinha uma filha. Ela era muito bonita e gentil. Ela não se interessava por coisas frívolas e vivia uma vida muito tranquila, mas todos gostavam dela e ela era sempre bem-vinda onde quer que fosse. Seu velho pai tinha muito orgulho dela e dizia com felicidade: "Ela herdou muito da minha sabedoria e um dia se casará com um grande homem". Mas a menina, por sua vez, pensava pouco em casamento ou homens, pois dizia que eles tinham mentes pequenas e preferia viver sozinha a ouvir sempre suas bravatas e sua conversa tola.
Logo a fama da filha se espalhou por toda a costa, e muitos pretendentes vieram. Mas seu pai disse: "Eu não tenho nada a dizer. Ela fará a sua própria escolha". E ela disse: "Só me casarei com alguém que possa me divertir, me interessar e fazer-me companhia. Eu não gosto de pessoas maçantes". Um dia, o Loon veio visitá-la. Ele era muito bonito, usava roupas boas e tinha grande habilidade como pescador. Ele veio porque achava que era muito bonito e acreditava que sua boa aparência conquistaria a donzela. Mas ela não gostou do Loon, porque ele não tinha nada a dizer. Quando ela falou com ele, ele apenas olhou e, finalmente, explodiu em

gargalhadas. Então a menina disse: "Você tem uma mente pequena como os outros". E ela se afastou. Então, a Raposa veio na tentativa de fazer a garota se apaixonar por ela. E por um dia inteiro ela perseguiu sua cauda em um círculo, tentando divertir a menina séria. Mas ela não teve muito sucesso, e como o Loon, partiu em desespero. E muitos outros vieram, mas encontraram o mesmo destino, e finalmente a menina decidiu não ver mais nenhum deles, mas viver sozinha com seu pai. Os jovens da aldeia estavam todos muito zangados porque a menina havia falado tão mal deles e, muitas vezes, eles fofocavam sobre ela. "Ela diz que temos mentes pequenas", disse um. "Ela deve pagar por essas ofensas", disse outro. Então, eles juraram que, de alguma forma, quebrariam seu espírito orgulhoso e lhe trariam tristeza. Um dos grandes homens da aldeia era o Vento. Ele podia se tornar invisível e muitas vezes era culpado de muitas brincadeiras maliciosas. Então os jovens foram até ele e pediram sua ajuda. Enquanto falavam com ele, viram a menina andando. Vento correu em direção a ela e a derrubou na lama. Os jovens olharam e todos riram alto, e a menina ficou muito envergonhada. Ela voltou para casa e contou a seu pai o que havia acontecido e mostrou-lhe suas roupas sujas. Seu pai ficou muito zangado e disse: "Vento deve pagar por isso. Ele será banido imediatamente".



Seu pai foi até o Chefe e fez uma reclamação contra Vento, e o Chefe decidiu que Vento deveria deixar a aldeia. Ele não considerou qual poderia ser o resultado dessa escolha. Então, o Vento se preparou para deixar o lugar. Agora, seu melhor amigo era Chuva. A chuva havia nascido sem olhos. Ele era cego e Vento sempre tinha que guiá-lo onde quer que ele quisesse ir. Então Chuva disse: "Se você está deixando a aldeia, também quero sair, porque não posso viver aqui sem você. Serei indefeso se não tiver ninguém para me guiar". Os dois partiram juntos, o Vento guiando a velha Chuva ao seu lado. Para onde eles foram, ninguém sabia. Eles ficaram longe por muitos meses, e as pessoas começaram a sentir muita falta deles. Sua ausência começou a ser sentida em toda a terra, pois não havia vento nem chuva.

Por fim, o chefe convocou um conselho e o Vento foi autorizado a voltar. O povo decidiu enviar mensageiros aos dois errantes para lhes dizer o que havia acontecido e trazê-los de volta. Primeiro enviaram a Raposa na busca. A Raposa atravessou a terra por muitas semanas, correndo o mais rápido que pôde por muitos caminhos e sobre altas montanhas arborizadas. Ela vasculhou cada caverna e fenda, mas não teve sucesso. Nenhuma folha ou folha de grama se mexia, e o país estava todo ressecado e a grama estava marrom e os córregos estavam secando. Finalmente, depois de uma busca infrutífera, ela voltou para casa e confessou vergonhosamente que sua missão havia falhado.

Então o povo chamou o Urso para continuar a busca. E o Urso foi desajeitado sobre a terra, cheirando o ar, virando troncos e grandes pedras com seus poderosos ombros e se aventurando em profundas cavernas. E ele fez muitas perguntas e perguntou à Sorveira "Onde está o Vento?" Mas a Sorveira disse: "Eu não sei. Eu não o vejo há muitos meses". E ele perguntou ao Abeto Vermelho, ao Pinheiro, e ao Álamo, que sempre vê o Vento primeiro, mas eles não sabiam. Então o Urso voltou para casa e disse: "Eu não pude encontrá-los".
O chefe ficou muito zangado com o fracasso da Raposa e do Urso, mas o homem sábio disse: "Os animais são inúteis em uma busca como esta. Vamos tentar com os pássaros. Eles muitas vezes conseguem onde os animais falham". E o chefe concordou, porque a terra estava em grande sofrimento. Muitos barcos de pesca estavam parados no mar perto da costa, impossibilitados de se mover porque o Vento estava longe, e os riachos estavam todos secos porque a Chuva estava ausente, e a grama e as flores estavam murchando. Então eles chamaram os pássaros para ajudá-los.



A grande Garça procurou nos baixios e entre os juncos, enfiando seu longo pescoço em lugares profundos, e o Corvo olhou entre as colinas, e o Martim-pescador voou para o alto mar, mas todos voltaram e disseram: "Nós também falhamos. Os errantes

não estão em lugar algum na terra ou no mar". Então, o pequeno Pardal retomou a busca. Antes de partir, ele arrancou de seu peito uma pequena pena macia e prendeu-a em um graveto não maior do que um tufo de feno. Ele segurou o graveto em seu bico e voou. Durante muitos dias ele foi em direção à terra do sul, observando sempre a pena pendurada no graveto em seu bico. Mas ela ficou lá imóvel. Um dia, depois de ter viajado uma grande distância, ele viu a pena se movendo muito suavemente e soube que o Vento não estava longe. Ele foi na direção de onde a pena estava soprando. Logo ele viu abaixo dele a grama verde macia e maravilhosas flores de várias cores e árvores com folhas verdes e muitos riachos de água corrente. E ele disse a si mesmo: "Finalmente encontrei os errantes". Ele seguiu um pequeno riacho por algum tempo até que terminou em uma caverna nas colinas. Na frente da caverna muitas flores estavam florescendo e a grama era macia e verde, e as altas ervas estavam balançando suas cabeças muito suavemente. Ele sabia que aqueles que procurava estavam dentro, e ele entrou na caverna muito silenciosamente. Logo depois da porta, uma fogueira estava esfriando e perto dela deitavam-se Chuva e Vento, ambos dormindo profundamente. O Pardal tentou acordá-los com seu bico e seus gritos, mas eles estavam dormindo muito profundamente. Então ele pegou um carvão do fogo e colocou-o nas costas da Chuva, mas ele se debateu, chiou e logo apagou. Ele experimentou outro, mas a mesma coisa aconteceu. Então ele pegou um terceiro carvão, e desta vez a Chuva acordou. Ele ficou muito surpreso ao ouvir um estranho na caverna,

mas ele não podia vê-lo porque ele era cego. Então ele acordou Vento para protegê-lo.
Então, o Pardal contou-lhes sobre o grande problema no norte do país e sobre a grande dificuldade e tristeza que sua ausência havia trazido ao povo, e sobre o quanto eles sentiram falta e sobre a decisão do conselho de chamá-los de volta. E o Vento disse: "Voltaremos amanhã se formos tão necessários. Você pode voltar e dizer ao seu povo que estamos chegando. Estaremos lá um dia depois que você chegar". Então Pardal, sentindo-se muito orgulhoso de seu sucesso, voou de volta para casa. Pardal foi até o chefe e disse: "Eu encontrei a Chuva e o Vento e amanhã eles estarão aqui". E o chefe disse: "Por causa de seu sucesso, você nunca será caçado por esporte ou morto por comida".
Na manhã seguinte, os dois viajantes voltaram à terra. O Vento veio primeiro e grandes nuvens de poeira anunciaram sua chegada, e o mar se chocou contra as rochas, e as árvores gritaram e balançaram suas cabeças, todas dançando alegremente por causa de seu retorno. Quando o Vento ultrapassou, a Chuva veio seguindo de perto, por causa da sua cegueira. Por vários dias a Chuva ficou com as pessoas e as flores floresceram e a grama ficou verde novamente e os riachos não estavam mais secos. E desde aquele tempo, Vento e Chuva nunca estiveram ausentes por muito tempo na Costa do Atlântico. E até hoje o povo dos pardais sabe quando a chuva está chegando e, para sinalizar sua aproximação, eles se reúnem e saltam e fazem um grande burburinho. E os índios mantiveram a promessa do Chefe e não caçaram pardais por esporte

nem os mataram por comida ou por suas penas. Porque eles se lembram que, de todos os pássaros, foi o velho Pardal que há muito tempo procurou com sucesso pela Chuva.